

A Ciência Moral de Harriet Martineau: Investigações Contemporâneas sobre uma das pioneiras da Sociologia

Harriet Martineau's Moral Science: Contemporary Investigations
Into One Of The Pioneers Of Sociology

MARTINEAU, Harriet. Ensaios sobre a arte de pensar. Daflon, Verônica Toste (org.). Tradução de Verônica Toste Daflon et al. São Paulo: Funilaria, 2025.

Lorraine Ramos Assis

O livro “Ensaios sobre a arte de pensar” é um exercício exemplar da boa ciência social. Os textos reunidos abordam os hábitos de pensamento, processos de aprendizado – ou “disciplina do intelecto”, conforme os dizeres da autora –, a aplicação paciente e metódica do sujeito na observação dos fatos através da seleção e comparação dos elementos do mundo material e objetivo, além da relação particular de Martineau com a ciência e seu rumo analisado sob uma perspectiva histórica e sociológica, unindo conceitos vinculados à moral e religião, em particular no que diria ser mais interessante no livro como um todo: o desvelamento de falácias lógicas, raciocínios incongruentes e a aplicação – mesmo que adaptada – para discussões em nosso século.

Em uma abordagem diversificada, a socióloga se debruça sobre os fenômenos acima citados, com destaque para o método indutivo de Francis Bacon. Em contraposição à lógica aristotélica, o filósofo moderno argumenta que todo o conhecimento humano é assentado na experimentação do homem sobre os fenômenos que a natureza o entrega, que resulta, no indivíduo, em um conjunto de interpretações do que percebe à sua volta. De modo tangencial, Martineau também encontra as raízes que originaram “Ensaios sobre a arte de pensar” na antropologia filosófica de Hartley e Priestley no intuito de explicar o



funcionamento da mente, concentrando seus esforços no associacionismo dos autores.¹

O livro é estruturado em seis partes, sendo uma delas a apresentação promovida por Verônica Toste Daflon e Ivo Wilson Bernabé, sendo dois dos quatro tradutores dos ensaios de Harriet Martineau, com auxílio de Lucas e Mirian Aldeman. Ainda na apresentação, os autores abordam a formação intelectual e biográfica da escritora britânica desde os anos iniciais de sua produção, com ensaios, resenhas, poemas e contos no jornal *The Monthly Repository*, principal veículo da comunidade religiosa unitarista, que seria um dos tantos divisores de água nos posicionamentos de Martineau ao longo de sua vida. Também são mencionados os achados da socióloga antes de nomes proeminentes no campo das ciências sociais, como Charles Wright Mills e Howard Becker no que diz respeito à organização da escrita, superação dos bloqueios mentais e na comunicação com clareza. Portanto, Harriet Martineau foi pioneira na disciplina, trazendo à luz a discussão sobre gênero e o reconhecimento da mulher no ofício intelectual sobre esses assuntos.²

A multiplicidade de elementos que se sobressaem em “Ensaio sobre a arte de pensar” não é mero acaso. Com uma capacidade de articular ideias aparentemente difusas pela incessante prática e cultivo do ato de observar e refletir, a autora desenvolveu um método intimista que se tornou útil como ferramenta de leitura e escrita aos interessados: o hábito de compreender e disciplinar os processos mentais, guiando-os para uma reflexão rigorosa.³

A apresentação divide, portanto, seções informativas e críticas, que envolve além do empirismo, associacionismo, unitarismo e pequeno aparato de suas contribuições, sendo elas: Lições atemporais; Leitores passivos e pensadores ativos; A escrita como método de leitura ativa; Ciência e religião e Atualidade, esse último como fio condutor da resenha aqui proposta,

¹ Para a corrente de pensamento, o indivíduo não possuiria ideias natas, mas as formaria mediante as sensações, experiências e associações dentro da operação da mente. Sua difusão foi significativa no início do século XIX e estimulou debates sobre epistemologia (Lengermann; Niebrugge- Brantley, 1998).

² (MARTINEAU, Harriet. Ensaio sobre a arte de pensar. São Paulo. Funilaria. 2025, p 8)

³ Ibid, p 11.

evidenciando o diálogo dos trabalhos da pensadora oitocentista com debates contemporâneos latentes em nossa época.

No primeiro capítulo, Martineau descreve os problemas levantados por pensadores clássicos e modernos ao longo da trajetória de suas descobertas. A autora se restringe na Europa cristã, pois, segundo a própria, seria árduo listar inúmeros exemplos na seleção de sua análise. A tônica da primeira parte do livro está concentrada, portanto, na distorção de julgamentos, na falha dos indivíduos (multidões, hereges, governantes, população, Estado e religião) ao se tornarem cegos por “paixões nocivas”, resultando na aplicação infundada dos métodos na análise das dificuldades que se apresentavam no interior da sociedade. É conferido aos governantes a responsabilidade do autocontrole, uma vez que o poder estava em suas mãos, e que a indulgência – nesse caso provocada por paixões nocivas – poderia ter sido reparada antes que os males se tornassem, assim, realizados.

Ao citar o Imperador Constantino, a socióloga desenvolve sua reflexão acerca da incapacidade da figura pública romana diante do contexto na qual se encontrava: ter considerado prudente associar a uniformidade do pensamento humano à crença da autoridade absoluta ser a melhor forma de governança, que ocasionou derramamento de sangue desnecessário, além da corrupção do pensamento cristão. Martineau, nos parágrafos seguintes, vai além ao argumentar que seu posicionamento e pesquisa não está versado apenas em uma época, mas se estende por gerações, analisando regularidades nas conjunturas. A presença do Papa, a título de exemplo, indica o ponto nodal da obra: confusões interpretativas a respeito da linguagem, relações de causa e efeito e distinções entre primário e secundário na ordem dos fenômenos no interior da investigação científica e moral. A interpretação equivocada de uma única palavra concretizou o destino mortal das peregrinações no momento das Cruzadas, servindo, reitero, de um caso particular para se chegar ao geral, próprio do método indutivo.



É apenas nas últimas páginas do primeiro capítulo que a escritora demonstra as principais propostas analíticas sobre a “arte de pensar”:

Os erros que mencionamos emergiram exclusivamente no domínio da religião. Mas o que os homens estavam fazendo no campo da filosofia enquanto isso? Disputas acerca de nomes, formas e essências envolviam a sociedade nos males do derramamento de sangue. E o Doutor Seráfico desperdiçava poderes que, ainda hoje, impressionam os eruditos, escrevendo tratados sobre a natureza dos anjos.⁴

Para Martineau, estabelecer a devida proporção entre tópicos, objetos e rumo dos debates é essencial, para não dizer obrigatório, para todo interessado em refinar o pensamento. Para ela, essa é uma das tantas ilustrações do fato da Razão ter se tornado subserviente à sua “irmã”, a Imaginação, ou, lado a lado, com a sua rival, a Insensatez. Um outro caso interessante demarca uma perspectiva de gênero ao indicar que as pessoas do “belo sexo”, se estiverem em maior número em determinado círculo social, aqui compreendendo homens e o intuito do cortejo, escutarão absurdos que, para Martineau, beiram o ridículo. Comparando, por conseguinte, com pessoas menos esclarecidas, o uso do que considera irracional (a superstição) é típico tanto nos acadêmicos quanto nas camadas populares. A veneração de uma meia da perna esquerda acima daquela da direita, ou um operário ferido por uma máquina a lamentar por não ter dado ouvidos a seus sapatos faz parte da pequena lista de erros voluntários e inconscientes que enublam a clareza dos argumentos, pois é fácil para a mente ser preguiçosa, indisciplinada e se entreter com trivialidades, negligenciando o que pode ser melhor cultivado e assim desenvolvido.

A partir do capítulo dois, Martineau entra em um terreno mais espinhoso no que se refere à metodologia, ou mais precisamente à identificação de falácias lógicas. Ao retomar a hipótese de que os erros cometidos não são uma novidade, e que, acima de tudo, as escolhas equivocadas de temas de reflexão traduzem-se no raso exercício do pensamento no cotidiano, a visão da autora se amplia no cerne dos ensaios aqui postos: o rigor científico na aplicação de uma premissa e os meios que o indivíduo deve tomar ao utilizar os corretos instrumentos de investigação. É importante ressaltar que é encontrado um tipo

⁴ Ibid, p 38.

de raciocínio bastante comum, tanto em pesquisas acadêmicas quanto no dia a dia, sendo um deles o *wishful thinking* (pensamento desejoso, ilusório).⁵

Explícita ou inconscientemente, formulamos uma teoria e, como todos gostamos de nossas próprias teorias, fazemos com que todas as circunstâncias se adaptem a ela, direcionando nossas observações para sustentá-la. Assim, cada um dos filósofos da Antiguidade tinha suas teorias. Alguns se aproximaram da verdade, enquanto outros vagaram em órbitas excêntricas, distantes da fonte de luz.⁶

Como solução para essa tomada de decisões do pensamento, Martineau indica que o método baconiano seria o mais acertado, complementando, através de seus estudos, que se deve ter o cuidado de aplicar uma teoria aos fatos que se observa, cabendo ao interessado inseri-la na classe de objetos a que o tópico, fenômeno se refere. Mais adiante, a autora menciona que é imprudente concluir que ações semelhantes tenham como origem os mesmos motivos, ou que os elementos são categorias a priori, reveladas como se fossem inalteráveis pela agência do indivíduo e eventos externos a ele. Não obstante, as ideias, para a socióloga, são impressas cronologicamente na mente de todos, mesmo que variadas. Depende, portanto, da classificação entre primário e secundário, desde que o intelecto esteja bem desenvolvido, no que chamará nas próximas páginas de “hábito”. Assim sendo, a perspectiva materialista de Martineau é enfatizada com mais intensidade no capítulo dois.

No quarto capítulo, a noção de aspectos universais é bem trabalhada no geral desde o início da parte que abre o ensaio. Com um tom ácido – próprio de sua escrita –, é destacado que todos possuem a capacidade de observação, mesmo um idiota, e o funcionamento da mente é ativado. Para ela, a diversificação do processo supracitado muda conforme o caráter intelectual e moral da pessoa, sugerindo comparações entre diversos ofícios, como a do camponês, do artista, do escritor, do homem de fé, dentre outros.⁷

⁵ Pensamento desejoso/ilusório é a tomada de decisões baseada em um viés de otimismo. Na heurística, descreve como o desejo por resultados agradáveis influencia o processo cognitivo e intelectual.

⁶ Ibid, p 54.

⁷ Ibid, p 88.



O reconhecimento dos equívocos de modos de pensar e da metodologia é novamente colocado em prática no decorrer dos parágrafos: a partir da diferenciação dos objetos acessados pelas sensações do corpo e da mente, o exercício de juízo se torna um princípio inegociável para o bom intelecto, não se limitando à capacitação em um único campo de aprimoramento, pois a expansão constante das habilidades do cérebro fortalece o hábito de se pensar corretamente, ou seja, guiado pela razão e busca por uma verdade.

Seguindo a argumentação de Martineau, é curioso notar como a escritora positivista sempre tem o cuidado de salientar ao leitor que existe o que chama de fato ou verdade, que pode ser interpretado como um ponto de partida sólido no intuito de não perder o fio da abordagem que pretende o interessado ou intelectual. Independentemente das operações distintas, o resultado sai no mesmo em determinado contexto; é utilizada a analogia da equação matemática como demonstrativo do que pretende afirmar, que $6 \times 2 = 12$, ou que $2 + 2 = 4$, independente de nossas vontades, o que não significa descartar alterações sociais ou culturais.

A sistematização do conhecimento expressa-se com abertura para novas abordagens por parte da autora, uma vez que o julgamento defendido é pelo confronto de ideias sem que haja sobreposição das emoções no momento do debate. As ideias apreendidas pela observação devem ser estimuladas com outras de natureza diferenciada, novas ou não. Desse modo, surge novas relações, desnudando temas que aparentemente eram desconectados entre si. Aqui, é possível uma compreensão do que seria a pesquisa de caráter bibliográfico.

No fim do capítulo quatro, ainda no tópico sobre metodologia e pesquisa, Martineau tece mais considerações sobre o que chamaríamos hoje de “projeto de pesquisa”: para ela, o filósofo natural age de forma correta quando não há delimitação prévia do objeto específico para estudo. Na atualidade, por outro lado, não é recomendado conduzir uma pesquisa sem o mínimo de consistência e direcionamento detalhado em cada parte do procedimento acadêmico, o que

se torna intrigante para quem se depara com “Ensaio sobre a arte de pensar” e as mudanças entre séculos.

Em linhas gerais, concordo parcialmente com os argumentos apresentados pela autora. Contudo, compreendo que haja algumas questões problemáticas nas primeiras páginas da introdução, em que se afirma sobre Martineau não cair em um “indutivismo ingênuo”. No capítulo três, por exemplo, é expressado justamente o contrário dessa mesma afirmação, em particular na proposição sobre imparcialidade, progresso e ciência como sinônimos de bem-estar social. Se para a socióloga o conhecimento adquirido pelo indivíduo é um sinal de elevação intelectual, para não dizer espiritual, determinados movimentos são encarados sem uma preocupação com contextos específicos, que no caso seria o de cunho ideológico. “Nem mais absurdas, talvez, do que as opiniões daqueles que atribuem o aumento da criminalidade à difusão da educação e preveem a ampliação do mal com o contínuo avanço do conhecimento”.⁸

Apesar da crítica aos empiristas a partir dessa colocação, é importante frisar as mudanças históricas e pesquisas desenvolvidas no decorrer do século XX sobre a falsa noção dos preceitos iluministas ao associar de forma arbitrária o entrelaçamento entre progresso, ciência e liberdade quase que de forma teleológica, que seria mais bem refinada nos mecanismos que incorporam a tão chamada modernidade após o período de Martineau. Se o pensamento “das luzes” e ocidental foi encarnado dentro de uma carga religiosa que enfatizava a teologia e a obtenção da graça divina, a linha de raciocínio da socióloga poderia ser interpretada como oriunda da perspectiva providencial, não sendo nenhuma surpresa ao leitor pelas influências expostas. A defesa da razão desagrilhada, conforme Guiddens⁹, seria um sinal de uma “modelação”, e não um ato direcionado a remover o que rotulou de perspectiva providencial. O sociólogo contemporâneo, nesse sentido, na obra “As consequências da modernidade” é

⁸ Ibid, p 69.

⁹ GUIDDENS, Antony. 1991.



bastante enfático sobre como os antigos empiristas foram superados no perpassar das décadas, demonstrando as complexas relações entre conhecimento e poder, para não dizer indissociáveis, o que não significa cair em anacronismo na leitura das contribuições de Harriet Martineau e anulá-las, muito pelo contrário.

Ainda no mesmo capítulo, o conceito de imparcialidade como força motriz de sua visão de mundo é questionável. Para a autora, no exemplo utilizado sobre a discussão teológica entre o dr. Price e o dr. Priestley na controvérsia sobre Matéria e Espírito, seria “pedir demais” que o indivíduo tomasse partido de imediato e filtrasse o que fosse irrelevante no contexto supracitado. Por conseguinte, Martineau declara que seria diferente no que diz respeito à mente humana e aos fatos físicos bem comprovados, cabendo ao leitor se manter no julgamento imparcial ou se abster por completo do assunto.¹⁰ A proposta, porém, é ingênua, tendo em vista que o indivíduo dentro do laço social carrega elementos tanto singulares, psicológicos quanto exteriores, o que não significa que o distanciamento do objeto a ser contemplado não seja necessário, igualmente do equilíbrio emocional, segundo Norbert Elias. Se para o pesquisador em ciências sociais, nas configurações atuais, não é possível o total distanciamento ou alienação¹¹, pode ser refletido o diálogo ao longo do período da publicação da obra de Martineau e novas implicações sobre o conceito de imparcialidade ou distanciamento. A colocação de Elias é usada no intuito não somente de destacar a emergência de novas transformações na história, mas também do refinamento das perspectivas ao serem comparadas.

O problema não é a seleção de argumentos conforme o método estabelecido por Martineau, mas na análise atualizada sobre possíveis formas de conceber a proposta de um caminho para o conhecimento dentro do século XXI a partir desse livro. Leitores que não tiveram conhecimento mais aprofundado sobre empirismo – em particular o de raiz britânica –, movimento iluminista e sua relação com a ciência e religião podem considerar contraditório por parte

¹⁰ MARTINEAU, 2025, p 80.

¹¹ ELIAS. Norbert.1998.

da pensadora, o que não é o caso, considerando que as concepções dessa orientação teórica se esbarram em lacunas frágeis quando examinadas mais a fundo. Se o Imperador Constantino reivindicava princípios cristãos, não significa que sua imagem e semelhança estava de fato próxima a de Cristo na prática, pois ainda se trata de um indivíduo com suas particularidades. A autora, nesse sentido, cai na idealização, o que é esperado pelo contexto dos eventos retratados no decorrer das páginas.

Os últimos capítulos podem ser os mais estratégicos para se compreender as manifestações do pensamento de Martineau, com foco na influência do idealismo cristão e do unitarismo.¹² Apesar do vocabulário carregado de termos teológicos, a escritora mantém o seu ponto principal: o desenvolvimento intelectual, cognitivo da mente e os erros cometidos ao longo dos períodos históricos, que é bem explicado na introdução da obra.

Harriet Martineau é uma autora que teve seu percurso marcado por influências diversas, demonstrando maturidade em seus estudos, com pouca inclinação ao dogmatismo, tendo em vista sua abertura a novas ideias, o que não significa anular a preocupação em defender seus posicionamentos até o fim, com rigor e escuta. Suas contribuições, conforme argumenta Alcântara¹³, trazem novos modos de se interpretar na atualidade, destacando que Martineau, na história da Sociologia, é um nome que se inscreve no contemporâneo. “Ensaio sobre a arte de pensar” chega ao Brasil com uma riqueza de levantamentos bibliográficos, enveredando caminhos, inclusive, à perspectiva materialista no campo das ciências humanas, voltadas, hoje, em sua maioria, para o relativismo e construcionismo social, ou de orientações teóricas similares.

¹² Foi um movimento religioso, político e intelectual surgido no final do século XVIII na Grã-Bretanha. Seus praticantes se aproximavam dos princípios revolucionários da França, constituindo-se nos arautos do Radicalismo ou Liberalismo Democrático Britânico (Soares, 2001).

¹³ ALCÂNTARA. F.H.C. Harriet Martineau (1802-1876): A analista social que inaugurou a Sociologia. Estudos Ibero-Americanos. Porto Alegre, v. 47, n. 3, p. 1-17, set.-dez. 2021.



REFERÊNCIAS

- ALCÂNTARA, F.H.C. Harriet Martineau (1802-1876): A analista social que inaugurou a Sociologia. *Estudos Ibero-Americanos*. Porto Alegre, v. 47, n. 3, pp. 1-17, set.-dez. 2021.
- ELIAS, Norbert. *Envolvimento e alienação*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1998.
- GUIDDENS, Antony. *As consequências da modernidade*. São Paulo. Unesp. 1991.
- LENGERMANN, Patrícia Madoo; NIEBRUGGE-BRANTLEY, Jill. *The Women Founders: Sociology and Social Theory, 1830-1930*. Nova York. McGraw Hill, 1998.
- MARTINEAU, Harriet. *Ensaio sobre a arte de pensar*. Daflon, Verônica Toste (org.). Tradução de Verônica Toste Daflon et al. São Paulo. Funilaria. 2025.
- SOARES, L.C. Ciência, religião e ilustração: as academias de ensino dos dissidentes racionalistas ingleses no século XVIII. *Revista Brasileira de História*. São Paulo, v. 21, n. 41, pp. 173-200. 2001.